

## **Cine Diogo: o cinema azul<sup>1</sup>**

Liana DODT<sup>2</sup>

Ronaldo SALGADO<sup>3</sup>

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

### **RESUMO**

Foram quase 60 anos. Anos memoráveis para a juventude de mocinhos e mocinhas que sonhavam ser Glenn Ford e Rita Hayworth. Até que no dia 30 de janeiro de 1997, a sala de exibição de maior sucesso na cidade de Fortaleza nos anos 1940 deixou o ofício da sétima arte para se transformar em shopping center. Antes Cine Diogo, agora é o Shopping Diogo que reina no chamado “quarteirão sucesso da cidade”, Rua Barão do Rio Branco, no Centro. A descaracterização do local impediu o tombamento pela Prefeitura, algo que atesta a falta de memória da cidade. Como cuidar do patrimônio histórico-cultural nos dias de hoje?

**PALAVRAS-CHAVE:** Cine Diogo; cinema de rua; Fortaleza; memória; patrimônio.

### **1. INTRODUÇÃO**

O presente artigo faz parte do trabalho de conclusão de curso da estudante de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará, Liana Dodt. O tema Cine Diogo foi escolhido por tratar de tão relevante aspecto da sociedade, a valorização do patrimônio histórico-cultural nas cidades. Fortaleza é conhecida pelos próprios fortalezenses pelo descaso com a memória local, desprezando imóveis antigos, que frequentemente são demolidos para se transformarem em mais um arranha-céu contemporâneo.

### **2. OBJETIVO**

O objetivo deste trabalho é colocar em pauta a relevância da proteção ao patrimônio histórico, afetivo e cultural. A realidade de Fortaleza, também se faz presente em outras capitais brasileiras e até em outros países. A decadência dos cinemas de rua do Centro aconteceu em todo o País, a exemplo do Cine Moderno, de Recife, do Cine Pax, de Mossoró e do Cine São Luiz, do Rio. Refletir a perda de memória da cidade e a crescente valorização das novidades que o mundo contemporâneo oferece é o papel deste artigo.

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XIX Intercom Jr. 2012, na Categoria Jornalismo.

<sup>2</sup> Aluna líder e estudante do 8º semestre do Curso de Jornalismo da UFC, email: lianadodt@gmail.com

<sup>3</sup> Orientador do trabalho e professor do Curso de Jornalismo da UFC, email: ronaldoufc@gmail.com

### 3. JUSTIFICATIVA

O Cine Diogo foi o principal cinema de rua do Centro de Fortaleza nas décadas de 1940 e 1950, anos conhecidos pela juventude que sonhava ser bons como os astros dos filmes de romance, valentes como nos filmes de aventura e corajosos como nos filmes de suspense. Com o tempo, foi-se perdendo o valor dos cinemas de rua e, assim como tantos outras salas de exibição, o Cine Diogo foi fechado. Em seu lugar, foi colocado um shopping, que de parecido só tem o nome, Shopping Diogo. Para que aqueles áureos tempos do cinema não fiquem no esquecimento, este artigo se faz importante.

### 4. DESENVOLVIMENTO

#### Um cinema em oferta

Foram quase 60 anos. Anos memoráveis para a juventude de mocinhos e mocinhas que sonhavam ser Glenn Ford e Rita Hayworth. Até que no dia 30 de janeiro de 1997, a sala de exibição de maior sucesso na cidade de Fortaleza nos anos 1940 deixou o ofício da sétima arte para entrar no *hall* comercial de móveis e eletrodomésticos. Um trocadilho de mau gosto, estampado em 15 letras garrafais atestou ironicamente a mudança: “Ofertas de Cinema”.

A *Paraíso*, rede de lojas do empresário cearense Paulo Fernandes, não hesitou em substituir o Cine Diogo. Mesmo antes de adquirir o cinema, o empresário já havia comprado as duas lojas laterais do Edifício Diogo, na Rua Barão do Rio Branco, nº 1006. A empresa, que transformou o Cine Moderno de Recife numa filial com 1.000 metros quadrados, aproveitou também a oferta “quentinha” do Cine Diogo. É que o interesse pelo “quartirão sucesso da cidade” vinha de longe. Por ali, já passaram *Romcy*, *A Cearense*, *Casa Parente*, *A Cruzeiro*, *Casa Pio* e outras grandes lojas.

As negociações com o grupo Luiz Severiano Ribeiro já vinham desde o final de 1996. Durante esse período, caiu para 10% a média de frequentadores do cinema. Se nos anos 1950, cerca de 400 pessoas se acomodavam nas poltronas do Diogo a cada sessão, nos anos 1990, esse número foi para menos de 40. Nada mal para uma sessão nos dias de hoje, já que os cinemas atuais possuem um grande complexo de salas, permitindo a exibição simultânea dos filmes em cartaz. Mas, para o Diogo, com apenas uma sala exibidora, a decadente frequência significaria o fim da história.

Não demoraria muito para que o cinema da Empresa Ribeiro fechasse as portas. A imprensa cearense até que fez campanhas contra a venda do Cine Diogo, esforço sem sucesso.

“O Diogo é uma das mais belas salas do Brasil, de uma época em que cinema era ambiente de espetáculo de requinte, centro de atenções da cidade. Mesmo consciente do grave problema econômico de sua manutenção, defendemos que possa haver soluções criativas, como a que transformou o Cinema Imperador, no Méier, no Rio de Janeiro, numa casa de shows...” **(Diário do Nordeste, 30 de dezembro de 1996)**

Apesar do incentivo à preservação do Diogo como patrimônio histórico-cultural de Fortaleza, o cinema foi vendido e completamente descaracterizado. Perdeu as poltronas, as caixas de som, a tela de projeção. Mas, principalmente, perdeu a capacidade de compor o cotidiano do fortalezense. Hoje, apenas as colunas em mármore de Carrara, no *hall* de entrada, mantêm a originalidade. Todo o resto do espaço foi compartimentado para acomodar as 18 lojas que inaugurariam, em 12 de dezembro de 1997, o Shopping Diogo.

Manutenção do nome é apenas um eufemismo para o verdadeiro assalto à memória da cidade. Assim, Fortaleza deixou de abrigar o universo dos heróis de aventura e beijos de romance para apresentar aos consumidores ávidos por promoções mais um apático *shopping center*, um lugar que, por falta de espaço ou de interesse, não oferece nenhum cinema. Virou um aglomerado de compras, lanches e serviços, onde não se sabe bem onde começa um e termina o outro, tamanha é a poluição visual.

De fato, a transição estrutural do cinema para o *shopping* não foi acompanhada com a devida atenção. Desde a década de 1990, já se sabia dos riscos que poderia causar a precária rede elétrica do Edifício Diogo, sem a manutenção adequada. No aniversário de 50 anos do Cine Diogo, o alerta da Imprensa soou como uma previsão.

“Hoje, Cinquentão, o Cine Diogo lamentavelmente não mais vive em seus tempos de glórias. Ainda recentemente, uma autoridade do Corpo de Bombeiros alertava para o fato de que o Edifício Diogo, a exemplo do Edifício Jalcy, está na iminência de sofrer catastrófico incêndio, dada a precariedade de suas instalações elétricas e a ausência de medidas de segurança capazes de preservar a integridade física de seus usuários. Alerta deste porte não pode cair no vazio” **(O Povo, 7 de setembro de 1990)**

Mas caiu no vazio mesmo. Noite de quarta-feira de cinzas, 22 de fevereiro de 2012, fato recente na cidade. O Shopping Diogo sofreu um incêndio, no qual, felizmente, ninguém se feriu. Por outro lado, o episódio destruiu muitas mercadorias de lojas e impediu, durante algum tempo, o funcionamento de seu serviço mais importante, a Casa do Cidadão, que passou a atender provisoriamente na Praça do Ferreira, em forma de caminhão.

## **O Shopping**

*Fortaleza, 17 de Agosto de 2011*

À espera do sinal verde para pedestre, vê-se ao longe, do outro lado da rua, o letreiro em caixa alta: SHOPPING DIOGO. Na fachada, maltratada pelo correr do tempo, um imenso banner publicitário antecipa o contexto daquele espaço. Antes mesmo de passar pelo arco da entrada, é possível constatar que por ali as coisas mudaram.

O aperto de lojas, pessoas e sacolas denuncia um lugar que não nasceu para o formato que tem hoje. As colunas de mármore que vestem as paredes das primeiras lojas são os únicos elementos que emanam originalidade. Aquelas paredes guardam em si histórias que os apáticos manequins das vitrines não saberiam contar. Nem mesmo o entrelaçado de pernas ociosas é capaz de sinalizar a essência do Cine Diogo.

Com olhos de passado, é quase impossível adentrar a aura íntima do shopping sem se sentir um pouco estrangeiro. Pela expressão dos passantes, a carência de cinema não faz a mínima falta, pois nem sequer existe o conhecimento seguro de que ali já habitou um cinema. Onde havia sala de exibição, agora se destaca uma escada rolante, que faz questão de servir apenas para subir, prolongando para o andar superior o visita àquele ambiente.

O aspecto visual causa incômodo. A composição emaranhada dos minúsculos estabelecimentos atesta um mau planejamento das coisas. Chega a ser ofensivo ver o inchaço incontrolável de um espaço tão pequeno. Dez minutos de permanência é tempo suficiente para exaltar a vontade de ir embora. Na saída, panfletos de loja de eletrônicos se espalham pelas ruas e lembram que ali reina o templo das compras.

É preciso despir-se do passado para não se impressionar com a agressividade das mudanças. Até para quem não viveu a década de 1940, fazer uma simples visita ao Edifício Diogo, 71 anos depois, pode ser um tanto hostil. A memória afetiva brota não se

sabe de onde, ressaltando histórias de um lugar que já abrigou tantos mocinhos e vilões na telona prateada.

### **Edifício Diogo**

São nove andares. No passado, eram salas comerciais, alugadas para dentistas, advogados, profissionais liberais no geral. Era também a sede da Associação de Fotografia e Cinema do Ceará e do Clube de Cinema de Fortaleza. E lá em cima, no oitavo e nono pisos, funcionava a PRE-9 Ceará Rádio Clube. O que poderia ser apenas mais uma emissora brasileira disputando ondas de audiência na Era do Rádio, significou o pioneirismo da radiodifusão no Estado do Ceará.

Sob a voz marcante de Dermival Costa Lima, a Ceará Rádio Clube transferiu os estúdios da Avenida João Pessoa, nas Damas, para o Edifício Diogo em agosto de 1941. A mudança representou um grande avanço técnico, com a chegada do transmissor de ondas curtas. E o lançamento da novidade contou com a presença do “cantor das multidões”, Orlando Silva, que movimentou a provinciana Fortaleza durante a temporada artística.

Assim, o ouvinte conseguiu ir além da companhia do aparelho de rádio e conquistou outra opção de lazer na cidade. Terminava um filme no Cine Diogo, era só se dirigir ao elevador de grade sanfonada e apertar o botão número oito. Num instante, chegava-se ao auditório da Ceará Rádio Clube, com capacidade para 100 pessoas. – *Fazia programas em final de semana e a frequência era muito grande. Então, você, às vezes, saía do cinema, subia lá pra rádio, assistia ao programa ou ia ao programa, voltava e assistia ao cinema*, recorda Augusto Borges.

No tempo presente, as salas comerciais dos nove andares do edifício não estão sendo alugadas. Algumas servem de escritório para os donos do *Shopping Diogo*, o restante está inutilizado. Os charmosos elevadores de grade sanfonada não podem ser fotografados. – *São as regras da empresa*, diz o gerente. O Edifício Diogo, lugar que já abrigou a Ceará Rádio Clube está entregue às traças, não existe mais função social. Ponto a menos para a memória da cidade.

### **Patrimônio esquecido**

Rebobinando a fita do tempo, nota-se que haveria diversos motivos para que o Cine Diogo fosse tombado como patrimônio histórico-cultural da cidade, seja no âmbito arquitetônico, cultural ou afetivo. Nenhum deles, porém, foi o suficiente para garantir a

manutenção do equipamento. A transação comercial falou mais alto do que os alertas nas reportagens dos jornais.

*“Prédio do Diogo será demolido: apenas a fachada e a entrada principal permanecerão. Em seu lugar será erguido um shopping”*, diz a manchete do *Vida & Arte* em 2 de fevereiro de 1997. Pouco tempo depois, as notícias relacionadas ao Diogo saíram automaticamente do caderno de Cultura para compor o caderno de Economia.

Com o fim do cinema, o destino do Edifício Diogo foi uma das principais dúvidas que surgiram. Naquele tempo, ainda não existia a Lei 9347, criada para normatizar os mecanismos de proteção ao patrimônio histórico, cultural e natural da cidade de Fortaleza. A Lei Municipal só viria em 11 de março de 2008, 11 anos após o fechamento do Cine Diogo.

Se fosse nos dias de hoje, qualquer pessoa poderia mandar um ofício para a Coordenação de Patrimônio Histórico-Cultural, CPHC, vinculada diretamente à Secretaria da Cultura de Fortaleza, Secultfor. O pedido de tombamento seria avaliado por um corpo técnico e, se aprovado, o imóvel ficaria protegido contra destruição ou descaracterização.

A coordenadora da CPHC, Clélia Monastério, reconhece que, à época do Cine Diogo, não havia meios reconhecidos pela Prefeitura para garantir a proteção de qualquer patrimônio. *“Apesar do passeio público e do Teatro José de Alencar terem sido tombados em meados na década de 1960, essa cultura não teve continuidade. Os tombamentos foram um reconhecimento além do Ceará”*, diz ela.

Mesmo com a implantação da lei, porém, casos como o da Chácara Flora lembram que a despreocupação com a memória continua viva. Construção centenária, datada de 1898, tinha traços de arquitetura raros de se encontrar na Fortaleza atual. O casarão cor-de-rosa estava em processo de tombamento, quando foi demolido por uma construtora em dezembro de 2011. O proprietário, dono da empresa, foi autuado com base na lei de crimes ambientais e teve de prestar esclarecimentos. Episódio lamentável, mas assustadoramente entregue à normalidade.

*“A sociedade cearense confunde o antigo com o velho”*, afirma Clélia. Para ela, a luta pela proteção do patrimônio histórico-cultural é tarefa difícil diante de uma cidade que não teve planejamento adequado para se manter, apagando a própria história com o passar das gerações. Em Fortaleza, a arquitetura urbana é facilmente substituída, seja por questões financeiras ou pela dinâmica da cidade, mas principalmente, pelo desinteresse público.

Na mesma reportagem do *Vida & Arte*, então o secretário da Cultura do Estado, Paulo Linhares, afirmou que a crescente desertificação do Centro foi o que levou o Cine Diogo a fechar as portas e atribuiu à Prefeitura de Fortaleza a responsabilidade.

*“Claro que o fechamento do cinema é uma coisa pequena num processo muito maior. Mas o que me deixa horrorizado é que a Prefeitura, agora, assume um discurso de lamentação pelo fim do Diogo, quando é ela que tem responsabilidade pela situação dramática do Centro de Fortaleza”.*

Em resposta, o então presidente da Fundação Cultural, Cláudio Pereira, disse que a Prefeitura de Fortaleza estava desenvolvendo uma nova lei de preservação dos prédios históricos da cidade. *“É um projeto de autoria de José Capelo Filho e tem base em outros projetos de nível nacional e internacional”.*

### **Centro deserto**

Andar nas calçadas irregulares, embaixo de sol escaldante, disputando espaço com uma multidão de gente e sacolas. Ouvir os gritos do ambulante anunciando ofertas imperdíveis que só se encontram ali, ali e nas próximas dez barracas concorrentes. Ver a senhora que pede esmola, com três ou quatro crianças despenteadas ao redor, e fazer cara de quem não tem trocado. Passar horas procurando uma vaga “zona azul” na rua ou ter que se render às aberrações arquitetônicas que chamam de estacionamento. Tudo isso é forma de caracterização do Centro nos dias atuais.

De dia, o Centro de Fortaleza é uma efervescência capaz de “endoidecer gente sã”. À noite, o ambiente muda, dá lugar ao medo e ao vazio. É uma transmutação visível a olho nu e sensível ao pôr-do-sol. O fim da luz, do horário comercial, significa o fim da vida. Não existe vida no Centro anoitecido. As opções de lazer são restritas, meio tímidas e desconfortáveis no reduto do caos urbano. A cultura carece de palco e de público. É o ciclo interminável dos opostos: morte e vida.

Para quem viveu os anos dourados, é difícil se acostumar à dinâmica contemporânea do Centro. O que hoje é um estacionamento de veículos, ontem pode ter sido um cinema, um teatro, um lugar de amigos. A Praça do Ferreira não tem a mesma graça sem o “pega-pinto” do Mundico, sem as sessões diárias do Cine São Luiz, sem a sombra do Abrigo Central.

A visão de Augusto Borges é de lamento e descrença. – *Fortaleza é uma cidade que se ressent muito de movimento no Centro. Acabou! A Praça do Ferreira, hoje, à noite,*

é praticamente deserta, inclusive por causa da violência. Então, Fortaleza mudou totalmente. Eu não acredito nesse “Vamos reavivar o Centro, repensar o Centro”, diz ele.

É nessa perspectiva que a cidade segue, embargando a memória e cultivando o não-pertencimento. A Fortaleza que completou 286 anos de existência em abril de 2012 é a mesma que, nas palavras do memorialista Nirez, “não parece ter 100 anos”. Nada dura, nada permanece. Só o que fica é a sensação de perda, de prejuízo irremediável.

Cine Diogo tombado. É de sonho e de pó...

### Saindo da rua

É verdade que o Centro de Fortaleza já foi repleto de cinemas de rua. Polytheama, Majestic, Moderno, Diogo, São Luiz, além de todos os chamados ‘poeiras’ que faziam a alegria da mocidade com entradas quase gratuitas. No decorrer do século XX, a cidade chegou a comportar 22 cinemas de rua, somente no Centro. A década de 1950 foi a melhor fase da ‘ sétima arte ’ por aqui.

1910	06 cinemas	1940	16 cinemas	1970	05 cinemas
1920	11 cinemas	1950	22 cinemas	1980	07 cinemas
1930	20 cinemas	1960	11 cinemas	1990	08 cinemas

Fonte: O POVO

Nos últimos anos, a decadência do Centro fez com que os cinemas perdessem a força e saíssem das ruas. A segurança e o conforto oferecidos pelos *shoppings centers* tornaram-se imprescindíveis aos momentos de lazer do fortalezense no fim de semana. No Centro da cidade, sobreviveu o mercado pornô de exibição de filmes.

Majestic virou inspiração para o cine pornô Majestik, com ‘K’ mesmo. O Cine Jangada, que antes exibia filmes comuns, também passou a ser conhecido como casa de exibição pornográfica. O Cine Betão, situado em frente à Justiça Federal, além de funcionar como cine pornô, vez ou outra cede espaço para as ‘festinhas’ noturnas de jovens de classe média. O próprio Cine Diogo teve uma fase em que exibiu filmes pornográficos, aflorando a rejeição dos mais tradicionais.

**José Augusto Lopes** – Tu sabes que tem mais de 20 cinemas pornôs no Centro de Fortaleza, já fiz uma matéria, fiz uma pesquisa. Proporcionalmente, existem mais cinemas pornôs em Fortaleza do que em São Paulo ou no Rio. E é uma frequência que só faz

crescer, porque se estão inaugurando mais é porque tem frequência, né? Não são cinemas, embora tenha telão, são cine-vídeos. Mas por que não fazem cine-vídeos pra exibir filmes comuns? Uma vez eu sugeri, por que não fazem no Diogo uma salazinha pequena de 80 lugares?

**Liana** – Você sugeriu à gerência do shopping?

**José Augusto Lopes** – Não, sugeri através do jornal. Por que não ter um cine-vídeo? E tu sabes que tentaram fazer um cine-vídeo aqui na Aldeota, mas não deu certo, não tinha frequência. Mas houve publicidade nos jornais de um cine-vídeo que iria passar os clássicos do passado. Não seria tão difícil não, né? O que prolifera mesmo é cine pornô.

## 5. CONSIDERAÇÕES

Torna-se cada vez mais necessário colocar em pauta a preocupação com o patrimônio histórico-cultural das cidades. Devemos buscar o desenvolvimento sim, mas nunca apagando por completo o passado, a trajetória para chegar onde estamos. A proteção do patrimônio é necessária, veja por valor histórico ou afetivo, pois é dever do ser humano transmitir às gerações seguintes o conhecimento dos costumes, das lutas e da história do lugar onde se vive.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GIRÃO, Blanchard. **Sessão das Quatro: cenas e atores de um tempo mais feliz**. Fortaleza: Editora ABC, 1998.

LEITE, Ary Bezerra. **A Tela Prateada**. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2011.

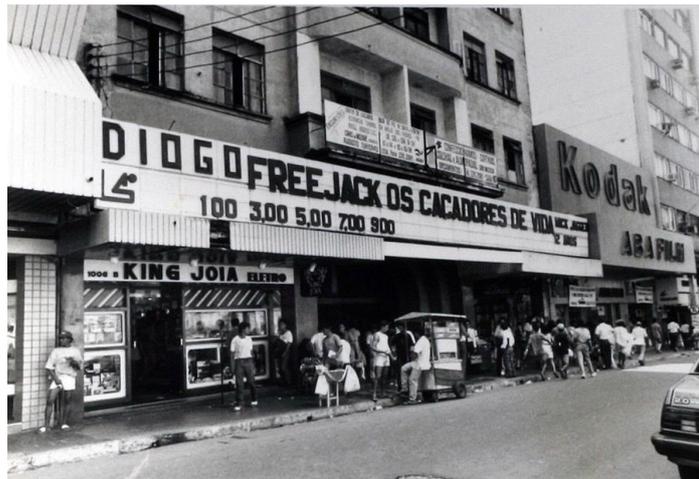
SANTOS, Lídia Noêmia. **Brotinhos e seus problemas: juventude e gênero na imprensa fortalezense da década de 1950**. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2011.

BARBARA, Vanessa. **O livro amarelo do terminal**. São Paulo, Editora Cosac Naify, 2008.

HOLANDA, Firmino. **Orson Welles no Ceará**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.

MENEGUELLO, Cristina. **Poeira de Estrelas: o cinema hollywoodiano na mídia brasileira das décadas de 40 e 50**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1996.

## 6. ANEXO



Cine Diogo - Foto: Banco de Dados O POVO - Levi Fonseca, em 07/05/1992

### Fachada do Cine Diogo na década de 1990



### Frequência no Cine Diogo nos anos 1940



### Fachada do Shopping Diogo nos anos 2000



**Primeira programação do Cine Diogo, 1940**



**Último filme do Diogo: Romeu & Julieta, 1997**



**Anúncio de inauguração do Shopping Diogo, 1997**